

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

(Organizadoras)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar 2

Atena
Editora
Ano 2022



Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

(Organizadoras)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar 2

Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



A cultura em uma perspectiva multidisciplinar 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 A cultura em uma perspectiva multidisciplinar 2 /
Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda
Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0467-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.675222507>

1. Cultura. I. Pereira, Denise (Organizadora). II.
Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Quando pensamos em multidisciplinaridade, antes de qualquer elucubração convém destacar, como nos lembra Ivani Fazenda (2013), que são possíveis quatro níveis de interação entre as disciplinas, o que revela diferentes formas de percepção quanto aos diálogos entre elas: a multidisciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade, esta última talvez a mais discutida nas últimas décadas no Brasil. A multidisciplinaridade, assim, pressupõe a justaposição, a aproximação profícua de disciplinas, sem, contudo, diminuir o “status” de cada uma delas.

Nesse sentido, ao abordar a cultura em uma perspectiva multidisciplinar, falamos em valorização em essência da polissemia que o conceito de cultura traz em seu bojo, com diversas camadas de significado acumuladas a partir das relações estabelecidas com diferentes campos do saber, dos contatos, nem sempre tranquilos e silenciosos, entre povos e nações (SANTOS, 2017).

A cultura abordada nos textos aqui compilados, portanto, não se refere apenas aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou de grupos no interior de uma sociedade, tampouco especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças ou às maneiras como existem na vida social.

Os trabalhos apresentados, sem dúvida, aos ultrapassarem essas duas principais definições de cultura em uma perspectiva multidisciplinar contribuirão para construirmos respostas para os questionamentos que, cotidianamente fazemos, mesmo sem nos darmos conta, acerca das culturas que nos permeiam.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR CONSTRUTIVISTA SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO SOCIOCULTURAL E OS PROCESSOS FORMAIS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Janaína Nunes da Costa

Hugo Freitas de Melo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225071>

CAPÍTULO 2..... 15

O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA COMO VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA

Priscilla Gonçalves de Azevedo


Bianka Pires André

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225072>

CAPÍTULO 3..... 28

LITERATURA BRASILEIRA E AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO: A INTERPRETAÇÃO DO ALUNO

Ivaneide Damasceno do Nascimento Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225073>

CAPÍTULO 4..... 44

LEITURA LITERÁRIA E CULTURA CIENTÍFICA: O PAPEL MULTIDISCIPLINAR DA LITERATURA


Carla Isabel Abrantes Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225074>

CAPÍTULO 5..... 55

A FILOSOFIA *BLACK POWER* E O RACISMO INSTITUCIONAL


Antonio Gomes da Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225075>

CAPÍTULO 6..... 62

REFLETINDO SOBRE MINHA IDENTIDADE: UM PESQUISADOR NO CONTEXTO CULTURAL DE UM MUNICÍPIO SEM REGISTROS


Patrich Depailler Ferreira Moraes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225076>

CAPÍTULO 7..... 81

ECONOMIA CRIATIVA E SERVIÇOS CULTURAIS: EMPREGO FORMAL EM REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL

Crisley Tatiana Dias Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225077>

CAPÍTULO 8.....	93
TERAPIA OCUPACIONAL E O BALLET CLÁSSICO COMO POTENCIALIZADOR NA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Ingra Gardesani Tuvacek	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Paula Peixinho Sanchez Iwantschuk	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6752225078	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	108
ÍNDICE REMISSIVO.....	109

CAPÍTULO 2

O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA COMO VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA

Data de aceite: 04/07/2022

Data de submissão: 14/06/2022

Priscilla Gonçalves de Azevedo

Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro – UENF
Campos dos Goytacazes – RJ
<http://lattes.cnpq.br/5201345262630506>
<https://orcid.org/0000-0003-2340-0691>

Bianka Pires André

Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro – UENF
Campos dos Goytacazes – RJ
<http://lattes.cnpq.br/0188091706271136>

RESUMO: O presente trabalho pretende abordar a dança com objetivo de valorizar a diversidade cultural presente na escola, por meio da expressão da dança Mana-Chica do Caboio, uma manifestação popular surgida no município de Campos dos Goytacazes-RJ, por volta de 1780, inventada por uma senhora “dançadeira” e “amiga da folia”. Suas características corporais retratam uma mescla de culturas existentes no povo brasileiro, bem como seus principais constituintes: o africano, o indígena e o europeu. A busca do conhecimento, crítica, respeito às diferenças e as diversidades relaciona-se ao diálogo constante com a cultura corporal de movimento que o aluno, por meio de suas vivências, poderá produzir através das percepções de ritmo, tempo e espaço. Por meio da Lei 11.645/2008, que altera a lei

10.639/2003, o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena se torna obrigatório em estabelecimentos públicos e privados, no ensino fundamental e médio. Nesse sentido, propor o incentivo da criatividade na escola por meio da prática das danças de matrizes africanas e indígenas, possibilitará a comunicação e a expressão, além de fazer uma contribuição para a preservação da memória e a formação consciente do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Mana-Chica do Caboio; Lei 11.645/08.

THE TEACHING OF DANCE IN SCHOOL AS A VALUATION OF AFRO-BRAZILIAN AND INDIGENOUS CULTURE

ABSTRACT: The present work intends to approach dance with the objective of valuing the cultural diversity present in the school, through the expression of the dance Mana-Chica do Caboio, a popular manifestation that appeared in the municipality of Campos dos Goytacazes-RJ, around 1780, invented by a lady “dançadeira” and “amiga da folia”. Its body characteristics portray a mixture of cultures existing in the Brazilian people, as well as its main constituents: african, indigenous and european. The search for knowledge, criticism, respect for differences and diversities is related to the constant dialogue with the body culture of movement that the student, through his experiences, can produce through the perceptions of rhythm, time and space. Through law 11.645/2008, which amends law 10.639/2003, the study of afro-brazilian and indigenous history and culture becomes mandatory in public and private establishments, in elementary and high

school. In this sense, proposing the encouragement of creativity at school through the practice of dances of African and indigenous matrices, will enable communication and expression, in addition to making a contribution to the preservation of memory and the conscious formation of the individual.

KEYWORDS: Dance; Mana-Chica do Caboio; Law 11.645/08.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a dança como expressão cultural, com a finalidade de valorizar as matrizes africanas e indígenas na escola, representada especialmente pela manifestação Mana-Chica do Caboio, uma dança surgida no município de Campos dos Goytacazes – RJ, por volta dos anos 1780, criada supostamente por uma senhora chamada Francisca, que era considerada uma “dançadeira” e “amiga da folia”.

Visando a importância do trabalho corporal aliado ao currículo escolar, bem como sua reflexão sobre a diversidade e o desenvolvimento de uma melhora nas relações interpessoais, tratar sobre a temática indígena e africana na escola, de forma geral, é considerado um grande desafio. Todavia, a inclusão da lei 10.639/03 substituída pela lei 11.645/08, determina que sejam incluídos no currículo escolar o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Há assim, uma maior exigência em abordar o tema, e por consequência, produzir elementos didáticos específicos e provocar questionamentos acerca do assunto, especialmente concedida a devida atenção sobre as manifestações folclóricas, especialmente sobre a dança como fonte geradora de conhecimento.

Na abordagem sobre a dança Mana-Chica do Caboio, há um respeito às raízes, tradições e valores, apontados pelas características do seu canto e dos seus movimentos através de sua linguagem corporal. A importância da sua divulgação, bem como propor atividades relacionadas a essa dança como forma de manifestação regional, provocará uma reflexão acerca da uma necessidade de reconhecimento das identidades, valorização da cultura e das diferenças, provocando uma transformação para nos educarmos ao pautar as relações étnicas, favorecendo a igualdade e a equidade no ambiente escolar.

2 | A DANÇA

No Brasil, encontramos diferentes influências de como mover o corpo por meio da dança, pois possuímos uma mescla de raças, culturas, religiões, artes, movimentos e danças, com distintos modelos sociais e culturais. A construção da linguagem da dança nos faz compreender as diferentes culturas, identificando e valorizando a interação entre os diversos povos e grupos sociais que aqui vivem (OLIVEIRA, 2010).

Para Nanni (2005), a história da humanidade é representada por sentimentos mais íntimos por meio da dança, expressadas através do corpo, com ritmos e que tinham uma estreita relação com a religiosidade, misticismo, energia, sexualidade, prazer e ludicidade.

Através dos tempos, a dança marcou presença na existência do ser humano, seja no sagrado (rituais religiosos), no profano (divertimento) ou envolvendo os dois aspectos. Os diferentes biótipos encontrados no Brasil e suas imensas variedades de movimentação tornam evidentes a linguagem da dança e seus aspectos sócio-político-culturais nos processos de criação. Conforme as ideias de Marques (2007):

Dançar, compreender, apreciar e contextualizar danças de diversas origens culturais pode ser uma maneira de trabalharmos e discutirmos preconceitos e de incentivarmos nossos alunos a criarem danças que não ignorem ou reforcem negativamente diferenças de gêneros (MARQUES, 2007, p. 40).

A dança, como linguagem corporal, é marcada pela humanização, a inclusão, a ludicidade, os princípios artísticos e as diversidades estéticas. Por meio do multiculturalismo, pode-se organizar e repensar as relações entre identidade e diferença, pois não há cultura sem vida social e não há grupo humano sem cultura (BAVARESCO; TACCA, 2016). No entanto, Hall (2003) sobre o multiculturalismo, refere-se por estratégias, utilizadas para solucionar problemas diante de grupos sociais distintos, como a seguir:

[...] estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. E usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais (HALL, 2003, p. 52).

Para Porpino (2018), os corpos brincam, choram, desesperam-se, entusiasmam-se e dançam. Portanto, a dança está ligada ao movimento, como forma de expressão do sentimento do indivíduo e com aquilo que ele carrega ao longo de sua existência, traduzindo sua cultura, suas emoções, características e sentimentos. Sendo assim, pode-se, com a dança, demonstrar papéis sociais e exercer relações em uma sociedade. Por meio da importância do que o corpo pode produzir, são criados e recriados movimentos que retratam, por uma memória, formas e atitudes que devem e podem ser trabalhados na educação.

Para Souza (2011), entender as especificidades culturais corporais dos alunos, precisamos observar, por meio das diversas formas de dançar, contextualizando sua fala, seus ritmos e gestos, pisadas, caminhadas e como estabelecem seus contatos físicos, visuais, seu gesticular, pisar, caminhar, formar grupos, estabelecer algum tipo de contato físico, contato visual e a construção de práticas que geram a transformação dos seus corpos. O ensino da dança pode ser estratégico, gerando experiências, que podem transformar-se em valores, conceitos e habilidades físicas, transformando o processo de formação de identidades individuais e de diferentes grupos sociais significativamente.

Segundo Haas, Garcia e Bertoletti (2010), a imagem corporal é entendida como a forma que o corpo se apresenta para si próprio e sobre o que pensamos dela, levando em consideração que existem fatores ambientais, emocionais, sociais, e formadores de opinião. Nesse sentido, a nossa imagem corporal vai sendo formada a partir das nossas

vivências ligadas as experiências com as pessoas em diferentes situações num processo dinâmico, resultante de memórias e fatos presentes. Sendo assim, o professor pode pensar em estratégias que integrem as discussões sobre arte, corpo, estética e ética, por meio de práticas pedagógicas na escola, aos procedimentos que evidenciem o domínio do corpo e a liberdade de expressão (IDEM, p. 40-41). Com o corpo, o aluno poderá expressar-se por meio da dança, de maneira consciente, descrita pela expressão de sentimentos e emoções evidenciados pelo movimento.

A dança na escola foi incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997a) e, atualmente, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016). Entendemos que a dança se mantém com a ideia da expressividade evidente na prática corporal, não existindo uma técnica melhor ou pior de se movimentar, sugerindo a compreensão das manifestações, narrando que é preciso “compreender criticamente as marcas sociais, a emergência e as transformações históricas dos sentidos, significados e interesses constitutivos das danças tematizadas, bem como as possibilidades de recriá-las” (BRASIL, 2016, p. 576).

Os conteúdos trabalhados na Educação Física escolar devem auxiliar no entendimento da valorização da cultura, busca do conhecimento e crítica, respeito às diferenças e diversidades, diálogo e valorização da cultura corporal de movimento, criando uma autonomia no aluno que se organiza a partir de uma construção de seu próprio discurso, em suas percepções de ritmo, espaço e tempo (IDEM).

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997a), a organização das questões trabalhadas nas aulas de Educação Física, por meio de procedimentos, atitudes e conceitos, as atividades rítmicas e expressivas que incluem as manifestações da cultura corporal de movimento, expressadas por meio de gestos, ritmos e música, bloco de conteúdos que se refere à “dança”. Como Souza, Hunger e Caramaschi (2014) citam:

O ensino da dança nas escolas públicas brasileiras deve ser abordado dentro dos conteúdos de Educação Física (Jogos, Ginástica, Lutas, Dança e Atividades Rítmicas) e também de Arte (Teatro, Música, Dança e Artes Plásticas), segundo os PCN's (1997a), documento que fornece subsídios para o trabalho dos conteúdos programáticos na escola. Neste documento, a Educação Física não exclui o conteúdo dança de seu campo de atuação e afirma que o ensino de dança na escola deve ser de responsabilidade tanto do professor de Arte quanto do professor de Educação Física (SOUZA; HUNGER; CARAMASCHI, 2014, p. 505-506).

O trabalho com a dança baseia-se no contexto dos alunos e torna-se o ponto inicial para o que será construído, trabalhado, desenvolvido, problematizado, transformado e desconstruído em uma ação educativa transformadora na área da dança. Os conteúdos relacionados à dança podem ser aprendidos por várias conexões possíveis, por meio dos métodos escolhidos pelo professor ligado ao imaginado pelos alunos, “uma articulação múltipla entre o contexto vivido, percebido e imaginado pelos alunos e o contexto da dança” (BRASIL, 1997a, p. 96).

Nanni (2005) afirma que a necessidade de expressão corporal é universal, entretanto, manifesta-se de acordo com cada cultura, como uma necessidade de integração grupal dessa sociedade. Nessa perspectiva, sua importância é reconhecida sob a ótica de promoção da saúde, como opção de lazer, de manutenção da autonomia física para uma qualidade de vida melhor, enfim, firma-se como possibilidade de relações interpessoais e socialização.

3 | AS LEIS 10.639/03 E 11.645/08

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9.394/96, no seu artigo 26-A (Lei 10.639/2003 substituída pela lei 11.645/2008), inclui como obrigatório o ensino de “história e cultura afro-brasileira e indígena”, especialmente nas disciplinas de artes, literatura e história brasileira, porém não descarta a necessidade de incluir nos conteúdos das demais disciplinas estudos sobre cultura indígena e africana. Na sua alteração diz que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” em escolas públicas e privadas. Seu texto declara:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2017, p.21).

De acordo com Jesus (2015), negros e indígenas sempre resistiram à escravidão, a exemplo do grande número de quilombos e a organização dos grupos indígenas que vemos ainda hoje, espalhados pelo Brasil. A obrigatoriedade da lei e sua homologação foi uma luta da população negra desde o momento em que é tirada de seu território de origem, a África, e trazida à força para servir na América através do processo de escravização pelos europeus. A Lei 11.645/08 acrescenta os estudos sobre a história e a cultura indígena, que segundo Lopes (2016) procura identificar práticas e saberes desses povos, dentro das políticas em educação.

Segundo Alencar (2018), o objetivo dessa alteração tenta impactar o trabalho na rede escolar como um todo, apostando em uma ascensão que possa romper com o mapa da exclusão e invisibilidade. Para a autora, a escola pode ser considerada um ambiente onde além do desenvolvimento do ensino formal, poderá contribuir para a manutenção das

relações humanas por meio das contradições e conflitos existentes entre os indivíduos, provocando a criação de mecanismos para a formação de relações humanas democráticas, pautada no respeito às diversidades. Assim, será capaz de contribuir para a formação de um espaço para a reflexão e o entendimento da história e cultura das populações indígenas e africanas, bem como suas expressões, promovendo espaços para debates, criando condições para que suas matrizes sejam contempladas, discutindo inclusive sobre a formação de estereótipos estigmatizados, preconceitos, intolerâncias e diferentes formas de discriminação.

Segundo Conceição (2019), nas cidades, os negros em sua maioria, ocupam as periferias, enquanto os centros são habitados por brancos. O mercado de trabalho e o acesso à educação também favorecem os brancos, visto que há poucos alunos negros cursando engenharia, medicina ou direito, por exemplo. Na construção social brasileira, a marca do povo negro está na edificação de cidades, na literatura, nas expressões artísticas e culturais. Apesar disso, a violência gerada no período da escravidão permanece até hoje, considerando que os negros sofrem apenas pelo fato de serem negros, a falta de políticas públicas e o abandono, de modo geral, também gera episódios constrangedores para essa população.

Para Silva (2017), a vinda dos índios para os centros urbanos, denuncia a síncope das políticas indigenistas em não demarcar suas terras de direito. Sendo assim, os estudos e as pesquisas sobre essa temática, exigem um esforço em compreender que os indígenas necessitam de políticas públicas que atendam as reivindicações dos indígenas que se adaptam aos novos ambientes e contribuem para a superação de desinformações, estereótipos e preconceitos contra esses indivíduos.

A implementação da lei acrescenta aos debates o reconhecimento e respeito às diversidades existentes no Brasil contemporâneo. Nesse contexto, busca-se repensar sobre nossa história e sobre as questões sobre a denominada “formação” da sociedade brasileira e da “identidade nacional”, como também a respeito de uma “cultura brasileira”, “nordestina”, “amazônica”, “mineira”, “catarinense”, entre outras, formando uma problematização das ideias, conceitos e perspectivas abordadas em relação a “mestiçagem”, dos lugares dos índios, dos negros e de outras minorias que formam a maioria da população brasileira (SILVA, 2012b).

4 | DANÇAS DE MATRIZ AFRICANA E INDÍGENA

Segundo Sabino e Lody (2011), a valorização das experimentações por meio de atividades corporais nas aulas de educação física, de artes ou até mesmo em um trabalho interdisciplinar, manifesta um aprendizado caracterizado pelo conhecimento de fatos, pessoas, eventos e memória, constituído por um fazer através de observações participativas vivenciadas por meio de coreografias organizadas. Seu conhecimento consiste num

sistema de produção procedimental, por meio de instruções para sua realização.

Os mitos, bichos, elementos da natureza, ancestrais, deuses, papéis específicos e característicos para personagens de homens e mulheres. Existe para cada sujeito uma função, uma performance necessária entre as inúmeras danças de matriz africana, que vão desde a capoeira até o maracatu, aos congos, os bois e tantas expressões culturais que exibem a temática afrodescendente. Suas festas e folguedos refletem a ocupação da população africana que historicamente ocupava as principais cidades do Brasil, que eram: Salvador, Recife e Rio de Janeiro (SABINO; LODY, 2011).

Nesse sentido, em seu contexto internacional, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), busca-se observar e valorizar as manifestações populares como: música, dança, comida, oralidade, tecnologias, indumentária, entre várias formas de identidade e alteridade dos povos. Como citam Sabino e Lody (2011):

A dança de matriz africana é uma forma de construir uma educação artística apoiada na cultura corporal do movimento, promovendo criatividade, comunicação e expressão orientadas para a descoberta das capacidades pessoais. Além disso, concorre para uma formação consistente do indivíduo e para preservação das memórias de matriz africana (SABINO E LODY, 2011, p. 178).

A linguagem corporal das danças indígenas possui uma conexão com os hábitos, tradições, costumes e a vida dos seus diferentes povos, referem-se aos “ciclos da natureza como forma de agradecer a colheita, para marcar a passagem da jovem para a vida adulta, homenagear os mortos, saudar aqueles que chegam à aldeia e outros motivos especiais e sagrados” (SILVA, 2018, p. 32).

A maioria das etnias indígenas executam danças circulares, com deslocamentos em diferentes direções com filas e fileiras, geralmente com os joelhos flexionados e batem os pés no chão, marcando o ritmo da música com o tronco levemente inclinado para frente. Sua performance caracteriza-se por meio dos cantos, música com alguns instrumentos como por exemplo os maracás, também fazem pinturas corporais e dão significados por meio de símbolos manifestados especificamente diferenciando uma dança de outra. Esses povos, por meio de suas danças, revelam o elo com seus ancestrais e com a natureza, propiciando o fortalecimento e o vínculo entre as comunidades, refletindo-se na preservação das suas tradições culturais, afirmando suas identidades (SILVA, 2018).

Segundo Barcki e Soares (2016), a dança pode despertar um sentimento de pertencimento, pois intensifica a união entre as pessoas devido seu trabalho em grupo. A identidade de um povo pode ser identificada por meio de um trabalho com dança, visto que há uma forte ligação com a identidade como cultura da oralidade, mesmo podendo se modificar com o tempo. A dança possui símbolos definidos, a dançarina e/ou dançarino pode criar novas formas de expressão corporal por meio dos seus movimentos, expondo a diversidade de corporeidades existentes. Por meio das expressões das danças há

uma reflexão sobre as diferenças culturais e particularidades corporais, problematizando conceitos como igualdade, respeito e trabalho em conjunto.

Marques (2010, p. 60) destaca que “[...] incentivar que os alunos dançam juntos, ajustem seu tempo de criação em relação ao tempo do outro, olhando-o, sentindo-o, é uma maneira de conectar estas diversas experiências”. Portanto, no grupo, podemos identificar situações individuais onde os alunos apresentam seus potenciais, bem como suas limitações, sendo observado, estando aberto as observações e novos conhecimentos.

5 | A DANÇA MANA-CHICA DO CABOIO

As danças no Brasil são evidenciadas por meio de sua história por meio da expressão de seus movimentos, seus elementos simbólicos, suas memórias étnicas e culturais, que ao longo dos tempos se transformaram e se adaptaram as novas condições de tempo e espaço. Todavia, a cultura popular se destaca pela transmissão oral, de geração em geração, características do folclore, onde a dança traz consigo gestos expressados pelos movimentos do corpo, com valores mantidos pela sabedoria popular tradicional, preservando sua memória e revelando sua identidade cultural (ALVES, 2013).

Cascudo (2012), afirma que os indígenas, os africanos e os portugueses são os grandes responsáveis pelas heranças das danças brasileiras. Os bailados dos nativos, deixaram os portugueses admirados, enquanto as técnicas das danças europeias, inspiraram movimentos de danças locais.

Nesse contexto, a linguagem corporal expressa pela dança campista Mana-Chica do Caboio, uma manifestação cultural que surgiu por volta dos anos 1780, na localidade do Caboio, entre Lagoa Feia e Mussurepe, no distrito de Santo Amaro, no município de Campos dos Goytacazes - RJ (LAMEGO FILHO, 1996), pode ser um elemento de aprendizado e preservação da cultura popular campista, podendo ser contada e trabalhada como um exemplo de expressão e identidade para muitos alunos que ainda, nos dias atuais, não conhecem essa manifestação popular que retrata um pouco da história da cidade.

Lamego Filho (1996), destaca que a principal hipótese do seu surgimento seja que esta dança foi inventada por uma mulher considerada “dançadeira” e “amiga da folia”, que seria uma entre três proprietárias de terra ou não, chamada Mariana Francisca, Inácia Francisca ou Francisca Maria. Contudo, a influência da cultura negra predomina na dança por meio dos batuques africanos, o que seria também uma releitura tupinambá com a presença do fado, semelhante aos velhos folguedos portugueses com bater de palmas e grandes círculos como parte de sua forma coreográfica. Para Soares (2018), esse fado seria chamado de “Fado de crioula”, uma influência musical característica das batidas dos tambores africanos.

Lamego Filho (1996), considera a dança da Mana-Chica do Caboio uma espécie de quadrilha, acompanhada de canto e de um conjunto instrumental que reúne violas,

chocalhos, pandeiros e tambores. É a única campista e a mais famosa dança popular da região Norte Fluminense (CASCUDO, 2012). Com um ritmo frenético, os casais dançavam aos pares, depois as damas rodopiavam segurando e sacudindo suas saias, os cavalheiros batiam os pés no chão, fazendo reverências com os chapéus nas mãos.

Segundo Soares (2004), a música da Mana-Chica tem um ritmo semelhante aos versos de cantadores repentistas, os instrumentos musicais utilizados são basicamente o tambor, o chocalho e a viola, compreendendo respectivamente as três etnias principais constituintes do povo brasileiro: africana, indígena e portuguesa.

Para Frade (1979) a Mana-Chica é uma quadrilha das festas do ciclo de São João, com a mesma marcação e a mesma coreografia, porém mais reduzida: “balancê”, “chez des dames”, “grand chainê” são movimentos característicos dessa dança e “Cada parte é acompanhada ou precedida de palmas e estonteante sapateado, como se os cavalheiros se desafiassem na extenuante marcação” (FRADE, 1979, p. 32).

Santos (1942) narra que o ambiente no qual dançavam a Mana-Chica, existia uma mistura étnica, formando e constituindo a música, resultado de diversas modificações de seus elementos melódicos, rítmicos e formais. Deste modo, há na música brasileira o sentimento de ritmo sincopado da música africana, o langor oriental da música árabe, com a monotonia rude das eufonias indígenas.

Considerada uma dança popular com características regionais, faz parte de um processo de hibridação cultural, ou seja, uma mistura de diferentes manifestações, fazendo surgir novas formas de identidade cultural (CANCLINI, 2015). Sua linguagem corporal possui características dos minuetos franceses, nesse caso os negros se inspiraram nessa forma coreográfica para compor a dança da Mana-Chica, porém executada como um ritual de celebração da dor do esquecimento, transformando-se numa espécie de quadrilha brasileira, incluindo as particularidades representadas pelas etnias (LAMEGO FILHO, 1996).

Nessa perspectiva, podemos dizer que há uma necessidade de incluir aulas de dança onde conseguiremos abordar o tema como forma de valorização da identidade cultural, por meio da Mana-Chica do Caboio, onde os alunos poderão se sentir representados e acolhidos de forma que sejam respeitadas suas diferenças, possibilitando “a conscientização pelo corpo em movimento e pelo respeito à diversidade” (BARCKI; SOARES, 2016, p. 08-09). Como cita Alves (2013):

A escola, enquanto lugar de formação deve abrir seus espaços a uma grade curricular que valorize os conhecimentos das manifestações populares locais e regionais dos diversos grupos sociais, buscando aproximar os alunos da infinidade de representações culturais que nos remetem às origens históricas e étnicas do patrimônio cultural brasileiro. Desta forma estará desempenhando um papel diferenciado e transformador, em busca da valorização da diversidade, unindo os saberes populares à educação (ALVES, 2013, p. 02).

Foganholi (2017) afirma que as danças populares brasileiras, são principalmente

danças de matrizes africanas e indígenas, vindas da história e da cultura popular, manifestadas por meio de movimentos históricos, modos de ser, vestir, viver, ser, como os grupos observam o mundo e preservam suas tradições e seus ancestrais. Portanto, há uma necessidade de reconhecer e trabalhar as expressões populares de forma abrangente, preservando suas características e leva-las aos alunos de forma coletiva. Propor a experimentação dos movimentos da dança será capaz de gerar uma compreensão do espaço que ocupamos, criando noções de respeito, disciplina, trabalho em equipe e outros fatores sociais.

Com seus movimentos coreográficos característicos, a dança Mana-Chica do Caboio é uma representação das culturas afro-brasileira e indígena, podendo ser um exemplo de um trabalho que poderá abordar as leis 10.639/03 e 11.645/08, promovendo a oportunidade de experimentar, de forma interdisciplinar as manifestações e assim reconhecer os fatos históricos, eventos e vivências, auxiliando no resgate da memória regional e ao respeito a diversidade.

6 | CONCLUSÃO

A danças de matrizes africanas e indígenas são formas de manifestação cultural que representam aspectos sociais de um grupo e/ou de uma sociedade. Por meio de fatos históricos, a dança popular caracteriza-se por representar uma identidade social, pois evidencia sua cultura, sociedade e memória.

A “Mana-Chica do Caboio” é uma dança popular que representa uma noção dos movimentos do corpo, por meio da mistura de etnias africana, indígena e portuguesa, caracterizada por movimentos e música próprias. É uma manifestação transmitida de geração em geração, caracterizada pela oralidade, demonstrada no folclore brasileiro, surgida no município de Campos dos Goytacazes - RJ, fortalecendo a memória e conservando a história de um povo.

O trabalho de dança na escola, por meio da cultura popular, se torna um elemento facilitador da expressão corporal produzido pela dança em que as situações experienciadas pelos movimentos corporais se transformam em símbolos e emoções com ações, caracterizadas pelos diferentes ritmos, adquirindo um respeito com si mesmo e com o outro, gerando oportunidade do grupo que participa da atividade com a expressão da dança se ajudar e associar, ajustando o entendimento identidade, coletividade e agregando valores sociais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Gisele de. As leis 10.639/2003 e 11.645/2008 na prática educacional do ensino básico brasileiro. **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**. Encontro de pesquisadores em educação a distância, ju./jul. 2018. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/826/662>> Acesso em: 07 jun. 2020.

ALVES, Rita F. Dança folclórica na escola: cultura, identidade, pertencimento e inclusão. In: **Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore-UFSC, Florianópolis**. 2013. Disponível em: <http://labpac.faed.udesc.br/danca%20folclorica%20na%20escola_rita%20f%20alves.pdf> Acesso em: 10 jun. 2020.

BARCKI, Glória Celeste da Costa Amaral; SOARES, Stenio Jose Paulino. DANÇA DE PÉ (S) NO CHÃO: Experienciando corpo e movimento com as culturas africanas e afro-brasileiras. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Governo do estado do Paraná. **Cadernos PDE**. Vol. 1. 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_unespar-curitiba_i_gloriacelestedacostaamaralbarcki.pdf> Acesso em: 10 jun. 2020.

BAVARESCO, Paulo Ricardo; TACCA, Daiane Paula. Multiculturalismo e Diversidade Cultural: Uma reflexão. **Unoesc & Ciência – ACHS**. Joaçaba, v. 7, n. 1, p. 61-68, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/8511>> Acesso em: 20 mai. 2020.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições e Técnicas, 2017. 58p.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>> Acesso em: 15 mai. 2020.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria da Educação Básica**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997a. 96p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade (1989)**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2015.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

CONCEIÇÃO, Alexsandro Gomes da. O racismo no Brasil, o movimento negro e a lei 10.639/03. **Revista África e Africanidades**. Ano XII, n. 31. Ago, 2019. Disponível em: <<http://africaeaficanidades.com.br/documentos/0030082019.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2020.

FRADE, Cásia. **Folclore brasileiro**: Rio de Janeiro. Campanha de defesa do folclore brasileiro. Fundação Nacional de Arte. FUNARTE. Rio de Janeiro. 1979.

FOGANHOLI, Cláudia. Danças brasileiras de matrizes africanas e indígenas: dialogando com a diversidade. In: **V Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**. 2017. Disponível em: <<http://motricidades.org/conference/index.php/cpqmh/5cpqmh/paper/view/209>> Acesso em: 11 jun. 2020.

HAAS, Aline Nogueira; GARCIA, Anelise Cristina Dias; BERTOLETTI, Juliana. Imagem corporal e bailarinas profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 16, n. 3, p. 182-185, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v16n3/05.pdf>> Acesso em: 06 mai. 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Organização: Liv Sovik Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO, 2003.

JESUS, Lori Hack de. A História e a Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena nas escolas: a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08. **Revista de Educação do Vale dos Arinos – Relva Políticas Públicas e suas Diversidades**. RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 2, n. 2, p. 85-96, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/885/873>> Acesso em: 12 jun. 2020.

LAMEGO FILHO, Alberto. **A Planície do Solar e da Senzala**. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo público do estado do Rio de Janeiro/Imprensa oficial do estado do Rio de Janeiro. Livraria Católica (1934). Ed. Rio de Janeiro, 1996.

LOPES, Dougllas Pierre Justino da Silva. **A lei 11.645/08 e a inclusão obrigatória da história e cultura indígena no currículo oficial: emergências e ausências no município de marcação-paraíba**. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade Federal da Paraíba, UFPB. João Pessoa, PB. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8750/2/arquivototal.pdf>> Acesso em: 13 jun. 2020.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

_____. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NANNI, Dionísia. O Ensino da Dança na Estruturação/Expansão da Consciência Corporal e da Auto-estima do Educando. **Fitness & Performance Journal**, v. 4, n. 1, p. 45-57, 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/751/75117085006.pdf>> Acesso em: 03 jun. 2020.

OLIVEIRA, Eleonôra Nunes. Dança, a quem corresponde na escola: a educação física ou ao ensino de arte? **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 01, ano 03, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/2113>> Acesso em: 06 jun. 2020.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. 2.ed. Natal, RN: EDUFRN, 2018.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. **Danças de matriz africana: antropologia do movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANTOS. Maria Luiza de Queiroz Amâncio dos. **Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1942. 343 p.

SILVA, Marilza Oliveira da. **Danças Indígenas e Afrobrasileiras**. Salvador: UFBA, Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2018. 74 p.: il.

SILVA, Edson Hely. Índios: pensando o ensino e questionando as práticas pedagógicas. Instrumento: **Rev. Est. e Pesq. em Educação**, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 168-186, jul./dez. 2017. Disponível em: <<file:///D:/Perfil/Downloads/27711-Texto%20do%20artigo-115568-1-10-20191221.pdf>> Acesso em: 17 jun. 2020.

SILVA, Edson. Os povos indígenas e o ensino: reconhecendo as sociodiversidades nos currículos com a Lei 11.645. In: ROSA, Adriana; BARROS, Natália (Orgs.). **Ensino e pesquisa na educação básica: abordagens teóricas e metodológicas**. Recife: EDUFPE, 2012b. p. 75-87. Disponível em: <<https://interfacesdesaberes.fafica-pe.edu.br/index.php/import1/article/view/167/86>> Acesso em: 18 jun. 2020.

SOARES, Orávio de Campos. **Muata Calombo**: Consciência e destruição. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: FAFIC, 2004.

_____. **Entrevista concedida à Priscilla Gonçalves de Azevedo**. Universidade Fluminense - UNIFLU. Campos dos Goytacazes, 05 dez. 2018.

SOUZA, Maria Inês Galvão. O ensino da dança na escola: técnica ou criatividade? **Cadernos de Formação RBCE**, p. 32-42, jan. 2011. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1206/612>> Acesso em: 06 jun. 2020.

SOUZA, Nilza Coqueiro Pires; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; CARAMASCHI, Sandro. O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 505-520, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v28n3/1807-5509-rbefe-28-0300505.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem Freiriana 28

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 36, 41, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 102

Articulação interdisciplinar 44, 47

B

Ballet 93, 94, 95, 103, 104, 105, 106

Black Power 55, 56, 57, 59, 60, 61

C

Construção 11, 12, 16, 17, 18, 20, 29, 31, 33, 34, 57, 58, 59, 62, 78, 89, 99, 104, 105

Contexto cultural 60, 61, 62, 76, 77

Criança 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 49, 65, 93, 94, 101, 102, 103, 104

Cultura científica 44

D

Dança 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 76, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106

Dinâmica econômica 82

E

Economia criativa 81, 82, 83, 84, 87, 91, 92

Educação 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 39, 42, 43, 46, 62, 63, 66, 71, 80, 83, 103, 105, 108

Emprego formal 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 91

Ensino 2, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 52, 53, 54, 66, 106, 108

H

História de vida 62

I

Identidade 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 38, 42, 43, 59, 62, 63, 73, 79, 84, 85, 91

L

Lei 11.645/08 15, 16, 19, 26

Literatura 19, 20, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 97, 99, 105

Literatura afro-brasileira 28, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43

M

Mana-Chica do Caboio 15, 16, 22, 23, 24

O

Oncologia 93, 94, 95, 101, 103, 106

P

Pensamento 7, 8, 9, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 67, 86, 92

Pertencimento étnico 28, 29, 30, 31, 35, 40, 41

Pesquisa-ação existencial 28, 29, 30, 34, 40, 41

Pesquisador 34, 35, 62, 63, 74, 79

R

Racismo 25, 32, 37, 38, 42, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

S

Setores culturais 81

Sociocultural 1, 2, 10, 11, 98, 105

T

Terapia 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Terapia ocupacional 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Trabalho colaborativo 44, 46, 53

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar 2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar 2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

